

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE E HISTÓRIA:
Um estudo com imagens com alunos do sexto ano do Colégio Estadual do
Instituto de Educação de Surdos - ILES

Professora PDE: Berenice Ribeiro da Silva¹

Professor Orientador da IES: Prof.^a Dr^a **Marcia Elisa Tete Ramos**

¹ Professora de História

Resumo: Apresenta-se a proposta que se desenvolveu junto ao Programa de Desenvolvimento da Educação, no Colégio Estadual do Instituto de Educação de Surdos (ILES) no sexto ano do Ensino Fundamental, no ano de 2013. Esta proposta teve como objetivo um estudo exploratório para investigar as ideias prévias dos alunos referentes aos conceitos de identidade e história com o apoio de imagens. Esta experiência baseou-se Educação Histórica que busca pressupostos para desenvolver o raciocínio histórico do aluno para a formação da consciência histórica. No Ensino Fundamental, alunos surdos possuem uma condição de falante de uma língua visual espacial LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), especificidades que indicam uma relação professor-aluno diferenciada. No contexto escolar busca-se tornar acessível a esses sujeitos duas línguas Libras como primeira língua e língua de instrução e a língua portuguesa, como segunda língua.

Palavras-chave: Surdez, Educação Histórica. Consciência histórica. Bilinguismo

Introdução

A finalidade deste trabalho foi perceber como alunos surdos do Ensino Fundamental compreendem os conceitos de história e identidades através de fontes visuais. Uma experiência que se baseou na educação história enquanto referencial teórico para propiciar aos alunos surdos momentos de construção de conhecimentos a partir de sua cultura experimental. O trabalho que teve como desafio ações pedagógicas numa perspectiva bilíngue de educação de surdos e no entendimento da História como uma ciência que considera a existência de diversas explicações e narrativas sobre o passado, sendo interpretada, tendo como base as evidências do passado. Nesta perspectiva o fazer pedagógico durante o processo procurou entender como ocorre as operações mentais de um aluno usuário de uma língua visual espacial.

O projeto foi implementado com oito alunos do sexto ano do Colégio Estadual do Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES) esta escola tem como objetivo tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar Libras (Língua Brasileira de Sinais) como primeira língua e língua portuguesa como segunda língua. O desafio foi produzir atividades que garantissem a aquisição de sinais desconhecidos pelos alunos respeitando seu ritmo de aprendizagem. A sala era composta por oito alunos que com demandas específicas (alunos avaliados com hiperatividades, dislexia e conduta típica).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é direito do aluno surdo o acesso aos conteúdos em LIBRAS, que foi reconhecida como língua e oficializada no Brasil em 24 de abril de 2002 pela Lei nº. 10.436.

Do ponto de vista desta mesma Diretriz, são aspectos fundamentais no trabalho pedagógico ensinar o respeito às diferenças, à diversidade de grupos sociais minoritários a fim de garantir igualdade de direitos. No cotidiano, através das relações sociais, formam-se grupos, dentro dos grupos minoritários encontramos a comunidade surda. Os surdos são sujeitos e como tal possuem costumes, história, tradições em comum. Nas associações de surdos, federações de surdos, igrejas, os surdos estão em contato com comunidades de sujeitos ouvintes: família, intérpretes,

professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em um determinado localização que podem ser associação de surdos ou escolas.

Professor ouvinte e o aluno surdo.

Atualmente tem sido desafiador para os educadores as condições de acesso ao conteúdo curricular para o aluno surdo. Por vezes é comum em sala de aula o professor partir de ação metodológica sem considerar o universo de diversidade que convergem naquele contexto.

Os professores de alunos surdos, que inseridos num contexto de educação bilíngue, deparam-se com o desafio de produção de práticas significativas que garantam o direito de aquisição de conhecimento pelos alunos, necessita pensar os conteúdos a partir do contexto e perspectiva do indivíduo com surdez, pensamento este orientado a partir de uma ordem visual.

Para o professor de surdos torna-se difícil ensinar conceitos científicos em sala de aula, pois na maioria das vezes estes conceitos não fazem parte do ambiente em que estas crianças se encontram. O que não pode acontecer, em virtude desta dificuldade, é o professor se limitar a abordar somente conceitos concretos, pois isto impedirá o domínio de conceitos abstratos, bloqueando seu crescimento. No intuito de se evitar isso, foi trabalhado com fontes imagéticas na construção destes conceitos conforme afirma Neves (2009, p. 07):

Tendo em vista o caráter espacial-visual da língua de sinais e, naturalmente, o maior desenvolvimento das habilidades relacionadas à memória e raciocínio visuais, as atividades que envolvem imagens e o contato com objetos de significado histórico fornecem melhores resultados e geram maior interesse e participação dos alunos surdos.

Partindo-se das considerações acima e tendo por base a concepção de “Aula Oficina” indicada por Isabel Barca, onde o professor é um investigador social na medida em que “levanta e trabalha de forma diferenciada as ideias iniciais que os alunos manifestam tacitamente, tendo em atenção que estas ideias podem ser mais

vagas ou mais precisas, mais alternativas à ciência ou mais contemporâneas com esta” (BARCA, 2004, p. 134).

Nesta experiência, percebeu-se que alunos que utilizam de comunicação, signos na modalidade visual espacial, são capazes de processar conhecimentos históricos elaborados numa perspectiva ouvintista.

De acordo com Reily (2003), a imagem tem papel extremamente relevante no processo educacional, pois permite ao aluno surdo compreender, intervir e reagir no meio, proporcionando um efeito facilitador na educação destes indivíduos. O autor ainda acrescenta que a imagem visual tem potencial de ser aproveitada como recurso de transmissão de conhecimento e no desenvolvimento do raciocínio.

Os conceitos de História trabalhados a partir das fontes visuais possibilitam o acesso aos conteúdos curriculares pelo aluno surdo, mesmo que, contraditoriamente, tenham sido primeiramente elaborados para alunos ouvintes.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino de História no Paraná (2008) propõe para o ensino de história uma abordagem da perspectiva da formação da consciência histórica. Esta consciência, entendida como condição da existência do pensamento humano e dos sujeitos, constituem-se a partir de suas relações sociais em qualquer período e local do processo histórico. Neste sentido comenta o historiador Jörn Rüsen (2001):

A consciência histórica é o conjunto das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. É, portanto, a constituição do sentido da experiência do tempo expressa pela narrativa histórica. (RÜSEN, 2001, p. 21)

As diretrizes destacam ainda os conteúdos estruturantes e conteúdos básicos para contemplar as ações humanas no tempo e no espaço. Para o aluno surdo estudar História, faz-se necessário compreender as relações culturais em diversas abordagens teóricas e científicas e considerar a visão empírica para compreender o conjunto de significados que os surdos conferem à sua realidade. Nesse processo a metodologia utilizada pelo professor possibilitou aos alunos

elaborem narrativas a partir de diversas temporalidades e compreender o que é história.

O bilinguismo e o saber histórico em sala de aula

Qual sentido da História para os surdos? Como proporcionar situações onde ocorra a formação e a progressão do pensamento histórico para estes estudantes? Esta implementação teve como referencial teórico a Educação Histórica, onde se procurou perceber a progressão do raciocínio histórico do aluno surdo. Um processo que partiu de um estudo exploratório seguido das ideias prévias dos alunos referentes aos conceitos de identidade e história com o apoio de imagens. Segundo Barca (2004), este processo pode ser concretizado através dos princípios apontados para uma 'aula-oficina' que pode ser apoiada por materiais já utilizados em ambiente de investigação.

Segundo Skliar(1996), na educação de surdos , são necessárias ações metodológicas que superem concepções “ouvintistas” em que foram fundamentados os conteúdos curriculares. Assim, “um novo olhar sobre a educação bilíngue permite refletir sobre algumas questões ignoradas neste território: a ouvintização do currículo escolar” (SKLLAR 1996 p.18).

Dialogando com Skliar, outros autores colocam em evidência as contradições vividas no contexto das escolas especiais, como é o caso de Botelho (2005), enfatiza que “as escolas especiais, baseadas em modelos clínicos, que entendem a surdez como um déficit e doença, reduzem a expectativa da aprendizagem do sujeito surdo” (BOTELHO 2005 p.17)

Na prática educacional cotidiana com alunos surdos, expressa na relação professor-aluno, se fazem presentes diversas concepções filosóficas como Oralismo, Comunicação Total e o Bilinguismo, que tentam dar conta desta problemática.

Assim, de acordo com Goldfield (1997), o oralismo visa a integração da criança com surdez na comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português). Outra tendência é a Comunicação Total, observada por Ciccone (1990), destacando que:

Concebe o surdo de forma diferente dos oralistas: ele não é visto só como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa (CICCONE 1990, p 23)

Segundo Quadros (1997), o bilinguismo é uma abordagem de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.

Desta forma, as concepções filosóficas na educação de surdos podem ser assim resumidas: Oralismo - método baseado no treinamento de fala, leitura labial; Comunicação Total - baseia-se na junção do oralismo com a língua de sinais; Bimodalismo – a mistura da língua portuguesa e da língua de sinais, resultando numa terceira modalidade que é o ‘português sinalizado’; Bilinguismo - metodologia na qual a criança surda é submetida num primeiro momento ao contato com pessoas fluentes na língua de sinais, tendo o acesso a esta língua que é considerada língua materna – e em um segundo momento acesso a língua oficial do país, sendo esta última tratada como segunda língua.

No Brasil a língua materna dos surdos é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que segundo o Ministério da Educação

São línguas que são utilizadas pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Lingüística. As línguas de sinais são visuais-espaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas. (BRASIL, 2004 p. 8)

A língua de sinais utiliza movimentos gestuais e expressões faciais como formas de comunicação. Assim como qualquer outra língua, ela expressa ideias simples, complexas e abstratas.

Os sinais são formados a partir da combinação dos movimentos das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo ser em uma parte

do corpo, em um determinado espaço na frente do corpo. Esses movimentos de mãos são denominados de parâmetros, que na língua portuguesa é definido como fonemas e morfemas.

Por isso, quanto maior o domínio da língua de sinais pelo aluno surdo, maior será sua capacidade interativa nos contextos escolar e social. Qualquer situação dialógica contribui para a interação deste indivíduo com os acontecimentos de seu meio de convívio. Assim, pode-se perceber que língua de sinais é fator decisivo no processo de formação do sujeito surdo.

Importante destacar que com base no referencial teórico da Educação Histórica, procurou-se perceber a progressão do raciocínio histórico do aluno surdo. Um processo que parte de um estudo exploratório seguido das ideias prévias dos alunos referentes aos conceitos de identidade e história com o apoio de imagens.

Segundo Barca (2004), este processo pode ser concretizado através dos princípios apontados para uma 'aula-oficina' que pode ser apoiada por materiais já utilizados em ambiente de investigação. Cainelli e Schmidt (2010) explicam sobre o saber e o fazer histórico em sala de aula apontando para a reflexão de que até os dias atuais as práticas metodológicas no ensino da história são marcadas por repetição de conteúdos pelos alunos. As autoras afirmam que é possível perceber uma mudança na forma de pensar o ensino de forma geral e também do ensino de História, referem-se a uma relação entre professor e aluno como aqueles que constroem e compartilham conteúdos. É no seu fazer pedagógico que o professor constrói o conhecimento dos alunos. Assim, afirmam as autoras que

O professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho para aprender a pensar historicamente, o saber fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar as diversidades das fontes e dos pontos de vistas históricos, levando-o a reconstruírem, por adução, o percurso da narrativa histórica (CAINELLI; SCHMIDT, 2010, p.34).

Pensando assim reconhecemos que, para os alunos surdos, uma prática pedagógica que se baseia na reprodução de conteúdos torna a disciplina de História

“entediante”. A estes sujeitos, uma comunicação perfeita não assegura aquisição do conhecimento histórico e sim as práticas metodológicas significativas.

Nesse sentido ao surdo impõe-se um processo diferenciado conforme afirma Marques: (1998): “o ensino de História para o aluno surdo é muitas vezes complexo, necessita de uma compreensão da maneira de como sistematiza a aprendizagem e a aquisição dos conteúdos, utilizando-se de uma metodologia própria”. O professor necessita refletir sobre a metodologia apresenta e perceber como este aluno processa conhecimentos.

Para as historiadoras Cainelli e Schmidt (2010), a aprendizagem histórica explica a importância dos conhecimentos, habilidades, crenças e conceitos prévios que os alunos trazem para a escola. Estes conhecimentos influenciam de maneira significativa o modo como os alunos percebem, interpretam e organizam sua aprendizagem possibilitando a aquisição de novos conhecimentos. Para os alunos surdos estes conteúdos são demonstrados em uma linguagem específica e que tem por base parâmetros visual. Isto implica pensar que se trata de um processo “natural” e por isso se faz necessária uma perspectiva diferenciada para estes estudantes. Para as autoras tal perspectiva ocorre no relacionamento entre o fazer histórico e o fazer pedagógico, apontando como desafio adequar o conhecimento histórico aos diferentes ambientes de aprendizagem, chamando este processo de “função didática da história”.

Segundo as autoras, é uma ação pedagógica que transpõe a sala de aula e parte do conceito “Transposição Didática”. Museus, arquivo tornam-se espaços de aprendizagem e o conhecimento histórico pode ser adequado a diferentes ambientes e públicos. Mais adiante as autoras mencionam o conceito de cognição histórica:

O conceito de cognição histórica situada pressupõe uma unidade orgânica entre a aprendizagem histórica e os princípios cognitivos da própria ciência da história. Assim a forma de ensinar história depende de uma determinada forma de aprender que é propriamente histórica, fundamentada em conceitos e categorias históricas (CAINELLI; SCHMIDT, 2010, p. 36)

A História e o aluno surdo

Quando se trabalha com o cotidiano das aulas de história, cria-se a possibilidade do aluno surdo pensar historicamente levando este estudante a analisar outras vivências e outros espaços e tempos. O fato de estar inserido num processo marcado por ações onde possam caracterizar, comparar, definir, analisar, amplia a possibilidade de adquirir novos vocabulários linguístico, em primeira (libras) e segunda línguas (português), o que pode ser afirmado por Quadros (1997)

As oportunidades que as crianças têm de expressar suas idéias, pensamentos e hipóteses sobre suas experiências com o mundo são fundamentais para o processo de aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa. Pensando no contexto das crianças surdas, os professores devem ser especialistas na língua de sinais, além, é claro, de terem habilidades de explorar a capacidade das crianças em relatar suas experiências. Este é um dos meios mais efetivos para o desenvolvimento da consciência sobre a língua. Por exemplo, as crianças não precisam dizer que uma sentença com oração subordinada é uma sentença complexa de tal ou tal tipo, mas elas precisam ter milhares de oportunidades de usar tais sentenças, pois esse uso servirá de base para o reconhecimento da leitura e elaboração da escrita com significado. São as oportunidades intensas de expressão que sustentam o conhecimento gramatical da língua que dará suporte para o processo da leitura e escrita, em especial da alfabetização na segunda língua, o português, considerando o contexto escolar do aluno surdo. (QUADRO, 1997, p.30)

Neste contexto a disciplina de História assume fundamental importância, por seu caráter investigativo. Para, Alegro e Verri (2006)

por meio de suas abordagens específicas e das relações que são estabelecidas com outras áreas do conhecimento, a aprendizagem de história é capaz de favorecer a discussão do mundo contemporâneo, redimensionamento o presente e a construção da identidade. (ALEGRO e VERRI, 2006, p. 99)

De acordo com as autoras e diante destas questões, ainda é um desafio a interpretação do mundo real para os alunos surdos, percebe-se que a disciplina de História pode auxiliar nesta compreensão como um “despertar” de consciência para

este aluno. Para atingir tal objetivo, exigiu-se do docente uma superação da prática pedagógica na sala de aula.

Assim, segundo Cainelli e Schmidt: “A sala de aula não é apenas o espaço onde se transitam informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação onde os interlocutores constroem significações e sentidos”. (CAINELLI; SCHMIDT, 2010, p. 35)

Assim, foi possível trabalhar esses conceitos em Linguagem de Sinais. Neste sentido, Quadros (2006) destaca que: a escrita passa então a ter uma representação na Língua portuguesa pela mediação de língua que tem significação. “As palavras não são ouvidas pelo surdo, eles não discutem sobre as coisas e seus significados no português, mas isso acontece na língua de Sinais” (QUADROS, 2006, p. 33). Colaborando com o autor, Santana enfatiza que:

A aquisição da linguagem implica mudanças cognitivas, trabalhos inferenciais reflexivos que acabam por modificar os processos mentais. A linguagem possibilita fazer uma rede de relações entre as palavras e o mundo. Por ser uma atividade simbólica por excelência, o trabalho com esses signos modifica e amplia os processos cognitivos. A ausência da linguagem confere aos surdos dificuldades interacionais, cognitivas lingüísticas e educacionais, dando papel organizador da linguagem ante outros processos cognitivos. (SANTANA, 2007, p. 218)

As abordagens na disciplina de História a partir de conceitos históricos permitiu a construção do conhecimento de sociedade e mundo do “aluno surdo” e propiciou aos alunos refletirem e reelaborem ideias e sinais. Nesse sentido, afirma Cainelli e Schmidt (2010, p. 84), que: “em suas representações, o aluno tem a possibilidade de efetivar suas próprias idéias sobre os fenômenos e objetos do mundo social, em vez de ser mero receptor passivo das informações dos professores”.

Assim foi possível a abordagem de assuntos contemporâneos que envolviam sujeitos surdos e as comunidades surdas, com o objetivo de construir conceitos, como enfatizam Cainelli e Schmidt, onde

O processo de construção de conceitos históricos é parte do fenômeno denominado captura lógica das propriedades e dos fenômenos do mundo social e parte da sua articulação num contexto de conhecimento e cultura ao qual pertence o aprendiz. (CAINELLI; SCHMIDT, 2010, p. 85)

As autoras ainda acrescentam que:

As reformas curriculares têm incluído reflexões acerca do trabalho com conceitos no ensino da história, enfatizando a especificidade dos conceitos históricos e a necessidade de relacioná-los com a cultura experimental dos alunos (CAINELLI; SCHMIDT, 2010, p 94)

Nesse sentido, Isabel Barca enfatiza:

Ora, se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Nesse modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação (BARCA, 2004, p. 133).

A autora aponta para uma forma de aprendizagem onde o professor se desloca do centro do conhecimento e se coloca junto ao aluno para compreender o seu mundo. O universo do aluno surdo possui especificidades que indicam uma relação professor-aluno diferenciado. O professor terá que conhecer este mundo “O mundo do Surdo”.

As libras como fonte para o ensino de História

Segundo Alegro e Verri (2006), a aprendizagem de história do surdo e do ouvinte são diferentes, destacam que o aluno surdo possui uma condição de falante de uma língua diferenciada podendo-se utilizar a seleção de conteúdos fundamentais e trabalhar com idéias, conceitos e preposições chaves. Por essa

razão, a “didática da história [...] pode demonstrar ao historiador profissional as conexões internas entre história, vida prática e aprendizado” (ALEGRO; VERRI, 2006, p. 40).

O conceito de identidade tem sido muito discutido ao longo do tempo e pode ser definido, de acordo com Matos (2012), como um conjunto de aspectos individuais que caracteriza uma pessoa. No entanto, entendemos identidade como plural, constituída a partir das relações sociais, o que tem caráter de metamorfose, por compreender o processo de permanente mudança que os encontros nos possibilitam. Já o conceito de História de acordo com Benjamim (1996), designa tanto o processo de desenvolvimento da realidade no tempo quanto o estudo desse processo.

Percebe-se, através das definições, o quanto são abstratos estes conceitos. Em virtude disto e da necessidade de transformar estes conceitos em interpretações do mundo real para os alunos surdos, foram abordados os dois conceitos na perspectiva da consciência histórica através de fontes visuais: história e identidade.

A formação continuada promovida pelo PDE foi uma ação que contemplou a reflexão trazida por Barca (2004) onde a autora coloca que: o professor precisa participar da educação para o desenvolvimento, devendo para isto, assumir-se como investigador social, aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas sim, para modificar positivamente a conceitualização dos alunos.

A partir da reflexão acima, saliento que o programa possibilitou a revisão de reflexão das antigas práticas e abriu caminhos para ações pedagógicas significativas para o aluno que possui uma forma diferenciada de comunicação. O desafio foi produzir atividades que garantisse a aquisição de sinais desconhecidos por estes alunos respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um. A sala era composta por oito alunos diagnosticados a partir de diferentes quadros, tais com: hiperatividade, dislexia e conduta típica. O projeto foi implementado em três etapas: pesquisa exploratória, análise de documentos imagéticos e textos em libras.

A pesquisa exploratória tinha por objetivo perceber as experiências trazidas pelos alunos em relação à identidade surda e acontecimentos do mundo social em que estão inseridos. Nesta etapa foi realizada em 14 aulas, pois, necessitou-se de acompanhamento individualizado, atividades de emissão e recepção como também uma pesquisa com os pais. Durante o desenvolvimento das atividades, os alunos foram reelaborando ideias e sentimentos de “pertencimento” a uma comunidade possuidora de cultura, identificando-se como surdo. Para os alunos surdos do sexto ano do ILES, comunidade surda esta relacionado à escola, ser surdo, para eles, são as experiências vivenciadas no o ambiente escolar expressas em libras.

A segunda fase foi a análise de imagens sobre o a copa do mundo em1950. Para esta etapa foram utilizadas 10 aulas. Através das imagens apresentadas, os alunos perceberam que tudo pode ser utilizado como fonte de informações em história. Levantaram hipóteses a partir destas imagens projetado na tv pen drive e pesquisa no laboratório de informática. Este processo possibilitou a criação de sinais e configuração de mãos. Este fato deve ser salientado, pois os discentes relataram que a história é um exercício de pensar o passado e o presente. Assim, pode-se perceber que em linguagem própria, os surdos são capazes de refletir problemáticas contemporâneas estruturadas através de uma língua oral auditiva. Movimento inverso leva o surdo a invisibilidade e, conseqüentemente, ao fracasso.

Durante a terceira etapa foi projetado, com o auxílio da TV pendrive, dois vídeos ministrados pela professora Karen Strobel². Procurou-se levar o aluno a perceber que existe um conceito de história presente nos vídeos. Para essa atividade foram necessárias 14 aulas, pois houve pesquisa no laboratório de informática e no dicionário trilingue. Esta experiência permitiu aos alunos uma momento singular, pois tiveram contato com documento histórico/ fonte em língua de sinais e reproduziram narrativas históricas em língua materna. Neste processo, procurou-se considerar as ideias chave dos alunos que fizeram uso das configurações de mãos de forma expressiva e intensamente criativa. Os alunos

² Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras Libras Modalidade à distância. Florianópolis 2009. Disciplina História da Educação de Surdos.

Identificaram o conceito de história em fontes diferentes, observando as semelhanças e diferenças, com isso, pode-se perceber que foi um processo contínuo, sistemático e formativo, onde se considerou os conceitos a serem trabalhados e a especificidade do aluno surdo.

A exploração de textos projetados em libras como uma estratégia didática oportunizou a estes estudantes uma análise de documento em linguagem própria. Puderam compreender que podemos recorrer a diferentes linguagens como fonte de informação em história, o que permitiu a desconstrução da ideia de verdade histórica oportunizando uma nova forma de compreender e pensar acontecimentos históricos.

Estas ações possibilitaram aos alunos surdos superarem a idéia que aprender história é obter uma quantidade de informações factuais. As experiências cotidianas exigiram um trabalho sistematizado e uma postura diferenciada por parte do educador que se posicionou como observador com uma finalidade específica que era a de compreender o funcionamento do pensamento da criança surda usuária de uma língua visual espacial. Para tanto, é condição básica que este educador conheça profundamente a língua de sinais, pois somente assim poderá perceber e diferenciar os conhecimentos já existente dos elaborados pelos alunos. Através da análise de fontes diversas e estratégias de ações levar os educando compreendam os conceitos que lhe são ensinados.

Considerações Finais

No ensino fundamental, o contato com alunos surdos requer um tratamento diferenciado, para tanto é importante que o educador, no trato com este aluno, tenha por base uma teoria-metodologia que norteie seu “fazer pedagógico” em sala de aula. Neste trabalho, pode-se verificar que o professor necessita estar em constante aprendizagem da Língua de Sinais, renovando seus conhecimentos no entendimento da cultura e identidade surda, a escola deve estar engajada com o trabalho do professor, assumindo o compromisso de práticas bilíngues como forma de reflexão sobre o processo educacional e aprendizagem do aluno surdo.

Nesta década, aceleram-se os debates sobre o bilinguismo, entretanto, uma ação comprometida com a proposta bilíngue devem partir de práticas didáticas

contrapõem a visão clínico-terapêutica presentes no âmbito escolar e social. A experiência aqui realizada teve por base o diálogo entre educação bilíngue e educação histórica como forma a garantir ao surdo o conhecimento que parta de sua língua. Ao analisarem documentos/fontes imagéticos e, em libras, elaborarem conceitos históricos, os alunos surdos perceberam que esta disciplina se pauta na experiência de interpretações. Desta forma, pode-se fazer uma conexão entre história, vida prática e aprendizagem. O grande destaque deste trabalho foi perceber que, ao longo do processo, pode-se visualizar a ligação que há entre cultura e identidade surda. Isto significou o reconhecimento de um grupo linguístico minoritário, de uma memória, a do “povo surdo”. Os alunos surdos criaram novas formas em língua de sinais para descrever imagens, debater ideias e criar hipóteses, durante este processo não se foi pensado em “perda auditiva”, nas dificuldades de aprendizagens e sim nas possibilidades.

O programa de formação continuada PDE, cujo foco centra nas ações pedagogias das escolas públicas do Estado do Paraná, permitiu a reflexão teórica sobre a relação entre surdez e aprendizagem histórica. Tal conexão possibilitou a implementação de práticas pedagogias que priorizam a construção de conhecimento pelo educando, através da experiência de se repensar os processos de aprendizagem em história com alunos visuais.

Portanto cabe ao professor de história atentar-se para a uso de metodologias adequadas a fim de perceber como se processa a compreensão de mundo do surdo e levá-los a pensar historicamente, como afirmam as autoras CAINELLI; SCHMIDT (2010) enfatizando que “o professor de história ajuda o aluno a adquirir ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber fazer, o saber fazer bem”.

Referências Bibliográficas

ALEGRO, Regina Célia; VERRI, Célia Regina. **Anotações sobre o processo de ensino e aprendizagem de história para alunos surdos**. Práxis Educacional, v. 2, n. 2, p. p. 97/114. 2006.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131–144.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2 ed., 1986.

BERNARDELLI, Rosy M. C. **Experiência no ensino de História para alunos surdos**. 2000. Monografia (Especialização em Ensino de História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação de surdos: ideologias e práticas pedagógica**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília. 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Curitiba, 2003, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

MARQUES, Carlos Alberto. **Implicações Políticas da institucionalização da deficiência**. Educação & Sociedade, Campinas, vol.19, n.62, p.105- 122, abr. 1998

MATOS, Ualy Castro. Identidade: Territórios existenciais. **Meu Artigo**. Disponível em < <http://meuartigo.brasilecola.com/psicologia/identidade-territorios-existenciais.htm>> Acesso em 20/07/2012.

NEVES, Gabriele Vieira. **Ensino de história para alunos surdos de ensino médio: desafios e possibilidades.** IX Congresso Nacional de educação. EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicologia. 26 a 29 de outubro de 2009. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3526_1960.pdf> Acesso em 26/06/2012.

PARANÁ. Secretaria De Estado Da Educação. Departamento De Educação Básica. **Diretrizes curriculares para o ensino de história nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.** Curitiba 2008.

QUADROS, R.M. **A educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L.P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília, MEC, 2006.

REILY, L. H. **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos.** In: SILVA, I. R.; KANCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs). Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades.(pp. 161-192). São Paulo: Plexus. 2003.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos** Ciência Histórica. Brasília. Editora UnB. 2001.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem aspectos e implicações neurolinguísticas.** São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngue para surdos.** Porto Alegre, Ed. Mediação, Vol. 1, 1999.

SCHMIDT, M. CAINELLI. A. Formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.) **O saber histórico na sala de aula.** SP: Contexto, 2010.